

AVENÇA

A REGENERAÇÃO



Semanario defensor dos interesses dos concelhos do norte do distrito de Leiria

Director Literário—Dr. João Leal da S. Tendeiro
Composição, impressão e Redacção na
Tip. Figueiroense—Figueiró dos Vinhos

DIRECTOR E EDITOR:
Doutor Manuel Simões Barreiros

Propriedade de João António Semedo
Administração: Tipografia Figueiroense
FIGUEIRO DOS VINHOS

PORTUGAL PAÍS NEUTRO

A circunstância de Portugal ser um país neutro não o isenta de certas dificuldades criadas pela guerra. Desta circunstância que é tão clara que nem de explicação precisa, resulta evidentemente a necessidade do país se preparar para obter a sua vitória, a vitória da paz. Daí a razão de haver necessidade de tomar medidas que a muitos surgem como temporâneas e até como violentas.

Quem governa o país sabe melhor do que ninguém os sacrificios que é preciso fazer para obter essa vitória e tudo o que se estabelece como medida de guerra não é feito pelo prazer de criar dificuldades à nação, mas tão somente para preservar a nação de dias tristes e horríveis.

Sendo assim, como é, todo aquele que pretende entrar a marcha da governação pública, seja a que pretexto for, pratica um acto condenável, merecedor de enérgico correctivo. Não há países fortes sem ordem nas ruas e sem finanças arrumadas. Isto é velho e sabido e tem sido sempre o pensamento de todos quantos, cansados e fartos de incertezas e de sobressaltos se batem por uma nova ordem política iniciada como foi a da Revolução Nacional.

No entanto, há quem esqueça depressa o passado e em que a Europa se debate numa nova guerra, venha dar sentenças a querer impigir-nos a sua sabedoria em coisas para que não foram fadados.

E' por isso que não temos

dúvidas em afirmar, neste momento angustioso do mundo, que todos aqueles que em Portugal pretendem fomentar críticas e estabelecer confusões, são criminosos. Os povos em guerra preparam a sua vitória dentro duma disciplina ferrea. Os povos neutros têm igualmente de preparar a sua vitória, que é a vitória da paz, na mesma disciplina. E' por isso que não temos dúvidas em afirmar que aqueles que neste momento não estejam integrados na disciplina nacional, aceitando com confiança e fé a obra em marcha, aqueles que não dediquem toda a fidelidade ao Estado, enfim todos quantos por qualquer acto contribuam para o enfraquecimento da unidade nacional, que desobedeçam às leis, que tentem opôr-se ao já habitual ritmo das coisas públicas, todos, sejam eles quem for, não temos dúvidas em afirmá-lo, são maus portugueses.

Combater ou contrariar a ordem em que vivemos, tentar enfraquecer a fé e a confiança é fazer obra de guerra e como tal têm de ser castigados todos quantos a essa tarefa anti-nacional se dedicam ou tentam dedicar-se.

Todos sabemos que sem Estado forte, sem finanças equilibradas, sem respeito nas ruas não é possível realizar obra útil à colectividade. E' lógico portanto que aqueles que se opõem ao bem estar da nação sejam castigados como inimigos do país.

P. M.

Estado Sanitário

Ultimamente tem estado re-tida no leito muita gente atacada de gripe!

Felizmente que o estado sanitário vai melhorando.

Mau tempo

Devido ao mau tempo que tem feito, a Câmara foi forçada a suspender as suas obras.

Além do transtorno que acarreta a prolongação do in-

O Duplo Centenário *Factos & Noticias* e o País

As comemorações do Duplo Centenário, a-pesar-da guerra que se desencadeou depois de estabelecido o seu plano de festas, vão dar ocasião a que o País viva uma época de grande renovação. Por um eretério verdadeiramente feliz, foi resolvido que alguns melhoramentos a inaugurar durante os primeiros meses deste ano aguardassem o momento das comemorações. E são muitos os trabalhos concluídos ou em vias de conclusão que por essa provincia fora vão ser inaugurados durante os actos comemorativos dos centenários. O povo vai assim ter ocasião de juntar à data histórica da Fundação de Portugal e à data gloriosa da sua restauração os actos de interesse local que o Estado e os Municipios vêm realizando nestes últimos meses ou anos. Desta maneira poucas terras do País deixam de ter motivos para festejar o Duplo Centenário, que seria um dos actos mais importantes no domínio do espirito português se a guerra não tivesse vindo ensombrar a vida dos povos. E se há terras que nada têm para festejar a data que se aproxima não ficaria mal a essas terras realizarem fôsse o que fôsse para que os seus habitantes se compenstrassem da importância e do significado do Duplo Centenário.

Sabemos que em muitos pontos da provincia há o maior interesse pelo que vai ser feito na capital. Muita gente virá até Lisboa para tomar contacto com a demonstração do nosso esforço através de oito séculos de história e de luta. E' na capital, evidentemente, que Portugal tem de mostrar o seu poder realizador em manifestações evocativas. Mas por esse País fora a inauguração duma escola, a abertura duma estrada ou dum caminho, o próprio calcetamento duma rua, são motivos a aproveitar para evocar não a data da Fundação da Nacionalidade ou da sua Restauração, mas a certeza do nosso poder de renovação, da nossa vitória, no momento em que outros povos sobram aos efeitos duma politica demolidora.

Em qualquer dos casos uma coisa está assegurada. E' a certeza de que o País vai marcar uma posição de destaque, uma afirmação de vitalidade. E essa é talvez a mais importante para demonstrar que Portugal continua a ser uma nação que enfileira na vanguarda dos povos imorredoiros.

M. O.

verno, traz-nos também enorme prejuizo!

O que disse Salazar

Em ocasiões diversas, devo ter proferido duas frases que uma à outra se completam e traduzem o que acerca do primeiro ponto poderia dizer: «Politicamente só existe o que se sabe que existe»; «politicamente o que parece é». Podeis lançar estradas, galgar com pontes os rios, erguer edificios, reparar monumentos, estender os fios telefónicos, construir os portos, levantar barragens, irrigar os campos, e tudo isso se ignora? Não existe. Criam-se novas industrias, descobre-se o sub-solo, intensifica-se a cultura, conseguem-se novos mercados, acredita-se a qualidade dos produtos, protege-se por várias formas a economia nacional: assim será, mas para quem o ignora é como não ser. Acarilha-se, organiza-se, protege-se o trabalhador e o fruto do seu trabalho; proporciona-se-lhe em bairros alegres e higiénicos a sua casa, difunde-se a instrução; morigeram-se os costumes; eleva-se a vida sempre dentro da modicidade das condições locais; formoseiam-se as aldeias; multiplicam-se os melhoramentos para atractivo da vida umas vezes e instrumento de trabalho outras; minora-se a sorte dos infelizes; frutificam as obras de assistência particular e publica, mas tudo isso se desconhece? Nem ao menos ter sido pedido e satisfeito lhe dará o ser: existe como activo nacional; não existe nos espíritos como activo da situação politica.

Está justificada a primeira frase, isto é, verificado por muitos modos o primeiro facto.

Informações de Lisboa

—O instituto francês iniciou uma série de conferências intellectuais. A primeira, que se realizou na 5.ª feira, 22 Fevereiro, foi pronunciada pelo sr Conde de Aurora e subordinada ao tema «No Espólio de Sardinha». O orador referiu-se à influencia do grande mestre nacionalista no plano doutrinario do Estado Novo.

Casa do Povo

Recebemos um exemplar do relatório de gerência da Casa do Povo, desta vila, referente aos anos de 1938 e 1939 que agradecemos. Da leitura do mesmo relatório e do que temos observado, concluímos que a sua Direcção bastante tem já feito, propondo-se ainda continuar a sua obra em proveito da consecução de certos beneficios para a classe operaria do nosso meio. Caminhar em frente, tendo por lema o bem estar comum, eis o que nos propomos dizer, traduzindo o sentir de todos que amam a Verdade. A'vante, pois.

Dia da Criança Finlandesa

O sr. Ministro da Educação Nacional designou o primeiro sábado de Março, dia 2, para se proceder, em todos os estabelecimentos officiais e particulares de ensino, à colheita de donativos — mínimo um tostão destinados à martirizada juventude finlandesa!

Nessa data os professores falarão aos seus alunos, salientando o exemplo admirável de heroica abnegação e patriotismo da Finlândia.

O Commissariado Nacional da «M. P.» deu já as suas instruções para que em todos os Centros sejam recebidas as contribuições dos filiados a favor das crianças finlandesas, correspondendo assim ao movimento de solidariedade da nossa juventude para com a finlandesa.

Encorporação de recrutas

O sr. Sub-secretário de Estado da Guerra acaba de determinar que a encorporação de recrutas seja efectuada de 1 a 5 de Abril.

A 2.ª encorporação realizou-se de 20 a 25 de Outubro próximo.

Aí fica o aviso aos interessados.

Panorama

A convulsão europeia que ameaça tornar-se extensiva a todo o globo subllunar, faz surgir de quando em vez iniciativas que bem revelam o bom sentimento cristão que felizmente, ainda domina muitas almas. Está neste caso a subscrição infantil nas escolas portuguesas a favor das crianças finlandesas. A sugestão verdadeiramente fraternal, de um grupo de filiados da M. P. teve logo a aquiescência do esclarecido espírito do sr. ministro da Educação Nacional, permitindo que o peditório se fizesse em todas as escolas oficiais e particulares do País, após uma pequena preleção dos professores respectivos.

A cota mínima é de um tostão. Abstraindo da parte material que, como parcela pequena, irá minorar, na medida do possível, a infelicidade de muitas crianças que ao Mundo vieram em horas más, tem este gesto um alto significado moral e instrutivo. A criança é por natureza egoísta e muito propensa à maldade. Convém por isso, é mesmo indispensável, recorrer a todos os meios próprios aconselhados pelos melhores pedagogos e aos que a bondade sugere, para corrigir, sem violencia, estes vícios natos nas crianças.

Nenhum, porém, sobreleva aos outros como a prática da caridade. Conseguir que a criança dê sem afectação, que dê pelo prazer de fazer bem, que dê sem olhar que o faz porque é seu dever fazê-lo e que aos outros compete receber, sem que por isso crie dependências, é um triunfo do educador.

Mostrar às crianças na presente conjuntura que as suas irmãs sofrem os rigores da Guerra e que é preciso acudir-lhes para evitar maiores males, não é dizer-lhes que vão dar uma esmola. Não, isso não.

Foi sempre contrário ao meu espírito esse vocábulo. Torna subserviente quem a recebe.

Dá-se porque assim é preciso o auxílio mutuo é uma obrigação entre todos os seus semelhantes. Ensina, pois, a criança a prestar, como lhe fôr possível, o seu auxílio aos que dele carecem como se fosse um imposto obrigatório.

Certamente assim pensou o simpático grupo de raparigas quando, no momento feliz, exteriorizou o que a alma lhe ditava. E' já no dia 2 do próximo mês de Março que se fará a quete entre a juventude portuguesa, pois, o sr. dr. Carneiro Pacheco, que preside aos destinos educativos dos que amanhã assumirão as grandes responsabilidades de manter intacto o nosso sempre querido Portugal, tornou extensivo a todos os estabelecimentos científicos o gesto filantrópico da Mocidade Portuguesa Feminina. Oxalá que a cifra atinja um número bastante lisonjeiro. Acreditamos já que sim. Seja, porém, qual fôr o resultado, o que podemos afirmar é que esta atitude define bem os sentimentos altruístas que domina a jovem população portuguesa.

Ulysses Júnior

Este jornal foi visado pela Comissão de Censura

Falecimentos

D. Hermínia Amélia da Costa Lacerda

Com 64 anos de idade, faleceu no dia 27, nesta vila, vitimada por um bronco-pneumonia, a sr.a D. Hermínia Amélia da Costa Lacerda, esposa do sr. Joaquim de Araújo Lacerda Júnior, abastado proprietário e capitalista, mãe da sr.a D. Maria Leonarda Lacerda Morgado e do sr. dr. Ernesto de Araújo Lacerda e Costa, conservador do Registo Predial e sogra do sr. dr. Joaquim Alves Tomás Morgado, conservador do Registo Civil e membro da Câmara Municipal do nosso concelho.

Senhora bondosíssima, deixa uma profunda e sentida saudade em todos quantos consigo privaram. O seu funeral foi muito concorrido, vendo-se nele pessoas de todas as camadas sociais.

A família enlutada apresentamos a expressão do nosso profundo pesar.

D. Albertina da Conceição

Após prolongada doença que a retina no leito há bastante tempo, também faleceu no passado dia 28 de Fevereiro, nesta vila, a sr.a D. Albertina da Conceição, de 70 anos de idade. Era mãe da sr.a D. Maria Quaresma Ferreira, sogra do sr. António Ferreira, conceituado comerciante e proprietário do nosso meio. O seu funeral que se realizou no dia 28, foi muito concorrido.

A família enlutada apresentamos os nossos sentimentos.

António d'Azevedo Lopes Serra

Com 81 anos, faleceu na próxima passada quarta-feira, pelas 14 horas, o sr. António d'Azevedo Lopes Serra, farmacêutico e proprietário.

O extinto era filho de António Pedro dos Ramos Lopes Serra e de D. Mariana Augusta Ferreira d'Azevedo, natural desta vila, descendente dum das melhores famílias. Tirou o curso de farmácia e aqui exerceu a sua profissão, durante muitos anos.

Espírito culto e muito sociável, António d'Azevedo Lopes Serra, foi um fervoroso amigo de sua terra e aqui ocupou diversos lugares de destaque, sendo por diversas vezes eleito presidente da Câmara, lugar, que sempre ocupou com muito apuro e elevação.

Embora a sua avançada idade o extinto conservou perfeitas até aos últimos momentos, as suas faculdades e já mais se esquecia de bem fazer, sobretudo, por parte da sua farmácia, onde os pobres tinham sempre remédios de graça.

Homem sério e leal, dos da velha guarda, perdemos nele um amigo, perdemos um admirador da nossa obra, da obra do Estado Novo e para a qual ele bastante contribuiu.

Figueiró vai perdendo pouco e pouco as reliquias do passado, os homens que fizeram a sua época, lutando por um Figueiró maior, pelo bem da sua terra, pelo engrandecimento do seu concelho.

E nós, ao escrevermos estas linhas, como preito de homenagem a um dos figueiroenses bons, na aceção verdadeira do termo, curvamo-nos com a maior reverência, perante o cadáver do António d'Azevedo Lopes Serra, amigo dedicado e alma impoluta, a quem devemos tantos exemplos de carinho, bondade e de amor à sua terra e que muito contribuíram para nos lançar, nesta luta de bem fazer, em prol do nosso concelho.

Com a serenidade como decorreu toda a sua vida, assim também soube morrer. No Além, ele será também recompensado e Deus ao receber a sua alma, ter-lhe-á reservado o lugar dos justos e dos bons.

Paz à sua alma.

As melhores sementes

Para hortaliças, flores e campos, escolhidas, seleccionadas, da ultima colheita e garantidas, de boa germinação.

Sobre pedido envia-se, gratis, o catálogo, de mais completo e variado sortido de sementes, bolbos, etc., para todas as culturas.

Estabelecimento de

G. MEYNARD

1-3 ESPINHO

Portugal, cemitério de crianças

1.º TRISTE NOTORIEDADE

Há vinte e um anos, o ilustre jornalista Rocha Junior dizia, na edição nocturna d'O Século, que Portugal era um cemitério de crianças. A expressão é feliz. Portugal era realmente um cemitério de crianças.

A mortalidade infantil atingia cifras apavorantes, Portugal nesse capítulo, gosava de triste notoriedade no mundo civilizado.

2.º CIFRAS

impressionantes

Dizem-nos os estatísticos que morriam, em Portugal, 50.000 crianças por ano.

E' uma cifra apavorante: quasi metade da mortalidade geral. 25000 crianças sucumbiam no primeiro ano de vida, vitimas das chamadas doenças da alimentação: diarreia e enterite principalmente.

Dizem-nos também as estatísticas que a morte ceifa de preferencia as crianças do sexo masculino. E' uma lei natural da criação e os homens não a podem revogar nem alterar.

Sabe-se que nascem mais varões que fêmeas e que, no primeiro ano de vida, o número dos segundos já é superior ao dos primeiros.

A supremacia numerica das mulheres mantem-se, depois em todas as idades. Em Lisboa, por exemplo, há cerca de 26.000 mulheres a mais do que homens.

Em todo o país, cerca de 250.000. Em toda a Europa, 14 milhões...

Quere dizer: o sexo masculino pagou e pagará sempre maior tributo à Parca. Há uma força misteriosa, superior ao nosso entendimento, que protege a mulher desde o berço até à velhice. Por isso dizia o dr. Ricardo Jorge que as denominações de sexo frágil e sexo forte estavam errados...

3.º A LUTA CONTRA A MORTE

Em todos os países cultos iniciou-se há mais dum século uma offensiva tremenda contra a mortalidade infantil.

Os sábios, os médicos, os higienistas nuncam pretenderam, porém, modificar a lei a que nos referimos acima; o seu desideratum era, apenas, baixar a todo o custo o indice de mortalidade infantil.

A luta contra a Parca voraz foi coroada de êxito, em todos os países civilizados. E ficou provado que a maior parte das crianças morrem por falta de cuidados, e não porque têm que morrer.

O destino e a fatalidade são palavras inexistentes nos dicionários dos higienistas e dos especialistas de puericultura

4.º UM CAPITAL SOCIAL INESTIMAVEL

«A criança é um capital social inestimável,—diz o sábio puericultista de Lausana, dr. Combes. E acrescenta...

Sob o aspecto social, é preferível salvar a criança a prolongar a vida inutil do velho. Claro que o dr. Combes não pretende ser Licurgo de anciãos, mas apenas focar a necessidade de promover toda a especie de medidas tendentes a salvar as crianças.

A perda dum criança representa um prejuizo irreparável, para a familia e para a sociedade. E' preciso defender, por todos os meios o capital social que ela representa.

5.º—PREPARANDO O FUTURO Para combater a mortalidade in-

CARTEIRA

Dois poemas incompletos

SENTIMENTO

Noite. Alguém canta, tristemente, em voz magoada: a rua adormece dôcemente, e só se ouve a voz da balada,

Alguém canta saúdaes, prantos, lembranças d'além do mar.

Eu só canto a vida, que não vivo, e que não sei encontrar...

LUZ

Quando se fez a luz eu julguei que era dia; e julguei ver na treva o brilho das estrélas.

(Luz, esperança do Céu o viver dentro em mim!)

—Fez-se a luz' e morreu; e eu fiquei sempre assim...—

M. D. H.

Perdeu-se aro e vidro dum relógio de pulso. Gratifica-se quem o entregar nesta redacção.

João Leal da Silva Tendeiro

Médico Veterinário Municipal

Clinica Geral Operações e Vacinações

Figueiró dos Vinhos

fantil, é preciso defender a criança desde o primeiro dia de vida.

Não basta, porém, garantir-lhe a existência. A nação precisa de homens robustos e sadios. E' necessário, portanto garantir a crianças boas condições de vida, para que o seu pleno desenvolvimento não sofra embaraços. A assistência infantil deve iniciar-se pela assistência á parturiente. A ignorância e o desleixo de muitas mãis são a origem de desastres abolutamente evitáveis.

6.º—PANORAMA— RECONFORTANTE

Portugal era, há vinte e um anos, um cemitério de crianças. Os homens de então, assoberbados por lutas mesquinhas de partidos e odios profundos de ceitas, não tinham tempo para tratar das crianças.

Vieram outros tempos, outros homens e outras ideias. A criança atraiu a atenção dos governantes. E começaram a surgir as maternidades.

Aumentou o número de creches. Desenvolveu-se o culto do sol o amigo n.º 1 das crianças. As autoridades administrativas e as entidades particulares rivalisam no humanissimo e patriótico afan de proporcionar ás crianças durante as férias escolares um período de vida saudável no campo ou na praia.

Nos escolas secundárias, as futuras mãis, recebem ensinamentos de puericultura, que lhes virão a ser de grande utilidade.

E' este o panorama reconfortante que se nos oferece há uma dúzia de anos. Começou tarde, em Portugal, a grande offensiva contra a mortalidade infantil, mas os seus resultados benéficos estarão patentes nas futuras estatísticas. As medidas de protecção infantil, já postas em prática e os que virão a adoptar-se, sucessivamente, hão-de fazer baixar um indice obituário que nos humilhava e apresentava como certos povos africanos e asiáticos...

Portugal deixará de ser um cemitério de crianças.

Pagamento de assinaturas

Foram pagas na nossa redacção as assinaturas do nosso jornal referentes aos nossos amigos:

Padre Manuel Luiz, Campêlo Artur Quaresma Nunes, Africa Oriental.

Manuel Quaresma Nunes, Lisboa.

Francisco Simões Agria, Lourenço Marques.

Edgar Carvalho de Abreu, Moçambique.

Juvenal Mendes Varandas, Bairrão.

Augusto Coelho Agria, Africa Ocidental.

Anuncio

COMARCA DE FIGUEIRO DOS VINHOS

Nos termos e para os efeitos do art.º 892.º do Código de Processo Civil, são notificados Joaquim Lopes da Silva, Florindo Lopes da Silva e Manuel Lopes da Silva, ausentes em parte incerta do Brasil e com o seu último domicilio nos Muninhos Fundeiros, para a qualidade de comproprietários, assistirem, querendo à praça que se realiza no dia três de Março proximo, pelas onze horas á porta do Tribunal Judicial desta comarca, dos prédios penhorados nos autos de execução de sentença que Manuel da Assunção, casado, proprietário, dos Muninhos Cimeiros, move ao digno Agente do Ministério Público nesta comarca como representante do Estado e a Maria Lopes, viuva, dos Muninhos Fundeiros, prédios estes todos situados nos limites dos Muninhos Cimeiros e de critos na Conservatória do Registo Predial sob os números 29.903, 29.904 e 29.905, para usarem nesse acto, querendo, do direito de preferéncia.

Figueiró dos Vinhos vinte e três de Fevereiro de 1940

O chefe da 1.ª Secção Jaime Ribeiro Sucena

Verifiquei a exactidão.

O Juiz de direito Themudo Machado

Jornal «A Regeneração» n.º 501 de 2 de Março de 1940

Anuncio

COMARCA DE FIGUEIRO DOS VINHOS (1.ª Publicação)

Faz-se saber que no próximo dia 31 de Março, pelas 11 horas, à porta do Tribunal Judicial desta comarca, sito nos Paços do Concelho, vão à primeira praça o direito e acção adiante referidos, dos prédios penhorados a Manuel Lopes, viuvo, agricultor, residente nos Muninhos Cimeiros, na execução sumária que lhe move neste Juízo e sua segunda secção Antero Augusto Simões Seguro, desta vila, sendo arrematados por quem maior preço oferecer além do indicado, que é o da respectiva matriz:

A PRACEAR

O direito e acção a metade de cada um dos prédios seguintes:

1.º—Um talho de terra de seca sita à Tapada, limite dos Muninhos Cimeiros, parte do nascente com herdeiros de José Simões, poente com o caminho, norte e sul com Abilio da Assunção. Está inscrito na Conservatória sob o n.º 29.828 e é na matriz o artigo 18.293; vai o dito direito à praça no valor de 105\$60

2.º—Um talho de terra de seca sita ao Pinheiral, limite dos Muninhos Cimeiros, que parte do nascente e sul com a estrada publica, norte com a barraca e poente com Artur Dias. Está inscrita na Conservatória sob o n.º 28.829 e é na matriz o artigo 17.372; vai o dito direito à praça no valor de 123\$20

3.º—Um talho de terra de rega sita ao Lombeiro, limite dos Muninhos Cimeiros, partinho do nascente com a estrada, do poente com a barroca, norte com António da Silva e sul com Manuel Lopes. Está inscrita na Conservatória sob o n.º 29.830 e é na matriz o artigo 18.761; vai o dito direito à praça no valor de 50\$60

4.º—Um talho de mato e pinheiros sito ao Porto das Lages, que parte do nascente, poente e sul com a estrada e norte com herdeiros de José Simões. Está inscrito na Conservatória sob o n.º 29.831 e é na Matriz o artigo 18.730; vai o dito direito à praça no valor de 13\$20

5.º—Um talho de terra de rega na Lomba da Vila, limite dos Muninhos Cimeiros, parte do nascente com a estrada, poente com a barroca, do norte com herdeiros de Manuel Varanda, e sul com herdeiros de António Lopes. Está inscrito na Conservatória sob o n.º 29.832 e é na matriz o artigo 19.887; vai o dito direito à praça no valor 17\$60

6.º—Um talho de terra de seca sita à Horta do Salgueiro, limite dos Moninhos Cimeiros, que parte do norte com Antonio Simões Godinho, do nascente com a estrada, poente com a barroca e sul com Germano Simões. Está inscrito na Conservatório sob o n.º 29.141 e é na matriz o artigo 20.159. Vai o direito à praça no valor de 37\$40

7.º—Um talho de terra de seca sito a Cerejeiras, limite dos Muninhos Cimeiros, que parte do nascente com o caminho, do poente com a barroca, norte com Manuel Marques e sul com Joaquim António. Está inscrito na Conservatória sob o n.º 29.833 e é na matriz o artigo 19.790; vai o dito direito à praça no valor de 204\$60

8.º—Um talho de terra de seca sito Além da Ponte, limite dos Muninhos Cimeiros que parte do nascente com a barroca, poente com o caminho, norte com José da Silva e sul com Manuel Marques. Está inscrito na Conservatória sob o n.º 29.834 e é na matriz o artigo 19.439; vai o dito direito à praça no valor de 4\$40

9.º—Um talho de terra de seca sita à Fonte de Baixo, limite dos Muninhos Cimeiros, que parte do nascente com a barroca, poente com o caminho, norte e sul com Antonio Lopes. Está inscrito na Conservatória sob o n.º 29.835 e é na matriz o artigo 19.439; vai o dito direito à praça no valor de 4\$40

10.º—Um talho de terra de seca sito à Ladeira, limite dos Muninhos Cimeiros, que parte do nascente com José Simões e com o caminho, poente com a barroca, norte e sul com Joaquim Antonio. Está inscrito na Conservatória sob o n.º 29.836, e é na matriz os artigos 19.462 e 19.463; vai o dito direito à praça no valor de 37\$40

11.º—Um talho de terra de seca à Ribeira, limite dos Muninhos Cimeiros, parte do nascente com José Simões, poente com a barroca, norte com Augusto de Almeida e sul com herdeiros de Manuel Antonio. Está inscrito na Conservatória sob o n.º 29.837, e na matriz os artigos 19.756, a 19.759 e 19.754; vai o dito direito à praça no valor de 976\$80

12.º—Um talho de terra de seca sito à Cova do Pardieiro, limite dos Muninhos Cimeiros, parte do nascente com o caminho, poente com Artur Dias, sul com Manuel Marques e norte com João Lopes. Está inscrito na Conservatória sob o n.º 29.838, e é na matriz o art. 19.120; vai o dito direito à praça no valor de 81\$40

13.º—Um talho de terra de seca sito à Macieira, limite dos Muninhos Cimeiros, que parte do nascente com Augusto de Almeida, norte, poente e sul com Manuel Assunção. Está inscrito na Conservatória sob o n.º 29.839 e é na matriz o artigo 19.519; vai o dito direito à praça no valor de 99\$00

14.º—Um talho de terra de seca sito à Boiça, limite dos Muninhos Fundeiros, que parte do nascente com José Braz, sul com José Simões, norte com Manuel Marques e poente com Maximina Marques. Está inscrito na conservatória sob o n.º 29.840 e é na matriz o artigo 19.472; vai o dito direito à praça no valor de 41\$80

15.º—Um talho de terra de seca sito ao Carrascal, limite dos Muninhos Cimeiros, que parte do nascente e sul com António Lopes, poente com a estrada e norte com Germano Simões. Esta inscrito na Conservatória sob o n.º 29.841, e é na matriz o artigo 20.188. Vai a dito direito à praça no valor de 74\$80

16.º—Um talho de terra de seca sita à Chã, limite dos Muninhos que parte do nascente com Joaquim António, poente com Emilia de Jesus, norte e sul com o caminho. Está inscrito na Conservatória sob o n.º 29.842 e é na Matriz o artigo 20.256; vai o dito direito à praça no valor de 8\$75

17.º—Um talho de terra de rega sito ao Vale das Relvas com testadas e pinhal, que parte do nascente com Manuel Marques, norte com António Lopes, e poente e sul com os matos. Está inscrito na Conservatória sob o n.º 29.843 e é na matriz os artigos 20.515, 20.517, 20.518, 20.521, 20.523, 20.525. Vai o dito direito à praça no valor de 844\$80

18.º—Um talho de terra de rega sito ao Valdasso, limite dos Muninhos Cimeiros, que parte do nascente com mato, poente com a estrada, do norte com Germano Simões e sul com José da Silva. Está inscrito na Conservatória sob o n.º 29.844 e é na matriz o artigo 29.472; vai o dito direito à praça no valor de 24\$20

19.º—Um talho de terra de seca sito à Horta do Vale, limite dos Muninhos Cimeiros, que parte do

nascente e poente com a estrada, norte com Manuel Bernardo e sul com José da Silva. Está inscrito na Conservatória sob o n.º 29.845, e na matriz é o artigo 20.828; vai o dito direito à praça no valor de 99\$00

20.º—Um talho de terra de seca sito ao Meio do Vale, limite dos Muninhos Cimeiros, que parte do nascente e norte com a estrada, poente com Joaquim António e do sul com João de Almeida. Está inscrito na Conservatória sob o n.º 29.846, e é na matriz o art. 20.798 e 20.799; vai o dito direito à praça no valor de 39\$60

21.º—Um talho de terra de seca sito ao Bacelo, limite dos Muninhos Cimeiros, que parte do nascente com Manuel da Assunção, poente com Emilia de Jesus, norte com José da Silva e sul com Manuel Marques. Está inscrita na Conservatória sob o n.º 29.847, e é na matriz os artigos 20.764 e 20.767; vai o dito direito à praça no valor de 156\$20

22.º—Um talho de terra de seca sito à Abrunheira, limite dos Muninhos Cimeiros, parte do nascente com António Silveira, poente com José da Silva, norte com José Simões e sul com António Bernardo. Está inscrito na Conservatória sob o n.º 29.848, e é na matriz o artigo 20.924; vai o dito direito à praça no valor de 13\$20

23.º—Um talho de terra de seca sito à Vinha Velha, limite dos Muninhos Cimeiros, que parte do nascente com José Simões Quintas, poente com Germano Simões, norte com Francisco Simões Quintas e sul com António Lopes. Está inscrita na Conservatória sob o n.º 29.849, e é na matriz o artigo 20.898; vai o dito direito à praça no valor de 50\$60

24.º—Um talho de terra de seca sita à Selada, limite dos Muninhos Cimeiros, que parte do nascente com Manuel António, sul com José da Silva, poente com a estrada e norte com António Lopes. Está inscrita na Conservatória sob o n.º 29.850, e é na matriz o artigo 21.002; vai o dito direito à praça no valor de 365\$20

25.º—Um talho de terra de seca sito à Costa da Senhora, limite dos Muninhos Cimeiros, que parte do nascente com José Simões, poente com José Marques, sul com Manuel Marques e norte com José Simões. Está inscrito na Conservatória sob o n.º 29.851, e é na matriz o artigo 19.913; vai o dito direito à praça no valor de 17\$60

26.º—Um talho de terra de seca sito à Costa da Ribeira, limite dos Muninhos Cimeiros, com testada de mato, que parte do nascente com a ribeira, poente com a estrada, norte com José da Silva e sul com Manuel Marques. Está inscrita na Conservatória sob o n.º 29.852, e é na matriz o artigo 19.116; vai o dito direito à praça no valor de 171\$60

27.º—Um pinhal sito ao Barreiro, digo sito à Lomba da Vila, limite dos Muninhos Cimeiros, que parte do nascente, sul e poente com a estrada e norte com Joaquim António. Está inscrita na Conservatória sob o n.º 29.853 e é na matriz o artigo 19.861; vai o dito direito à praça no valor de 24\$20

28.º—Um pinhal sito ao Barreiro, limite dos Muninhos Cimeiros, que parte do sul com Manuel Neves de Abreu, nascente e poente com a estrada, e norte com Augusto de Almeida e com Abilio Lopes. Está inscrita na Conservatória sob o n.º 29.854 e é na matriz o artigo 21.035; vai o dito direito à praça no valor de 61\$60

29.º—Um quintal sito à Quelha da Eira, limite dos Muninhos Cimeiros, que parte do nascente com

Joaquim António, do poente com o estrada, do norte com Augusto de Almeida e do sul com Manuel da Assunção. Está inscrita na Conservatória sob o n.º 29.855 e é na matriz o artigo 19.931; vai o dito direito à praça no valor de 15\$40

30.º—Um pinhal sito à Portelinha, limite dos Muninhos Cimeiros, que parte do nascente com José Simões Quintas, do poente com António Lopes, norte com Julio Braz e sul com João Silveira. Está descrita na Conservatória sob o n.º 29.856, e é na matriz o artigo 20.636; vai o dito direito à praça no valor de 33\$00

31.º—Um pinhal sito à Lomba do Vale de Aço, limite do Muninhos Cimeiros, que parte do nascente com Manuel Marques, poente com José da Silva, norte com a estrada e do sul com Manuel Marques. Está inscrito na Conservatória sob o n.º 29.857 e é na matriz os artigos 21.204 e 29.474; vai o dito direito à praça no valor de 72\$60

32.º—Um pinhal à Lomba do Curral, limite dos Muninhos Cimeiros, que parte do nascente, norte e poente com a estrada e sul com José Marques. Está inscrita na Conservatória sob o n.º 29.858, e é na matriz o artigo 20.646; vai o dito direito à praça no valor de 50\$60

33.º—Um pinhal sito às Baijes, limite dos Muninhos Cimeiros, que parte do nascente com José António, poente com António Lopes, norte com o caminho e sul com a estrada. Está inscrito na Conservatória sob o n.º 29.859, e é na matriz os artigos 19.322 e 19.323; vai o dito direito à praça no valor de 44\$00

34.º—Um casar sito ao meio do lugar e limite do Muninhos Cimeiros, que parte do nascente com a rua publica, poente com António Lopes, norte com José Francisco e sul com José Marques. Está descrita na Conservatória sob o n.º 29.860, e é na matriz o artigo 38. Vai o dito direito à praça no valor de 70\$00

35.º—Um casar sito ao Rosio, que parte do nascente com Joaquim António, poente com a estrada, norte e sul com José Simões. Está inscrito na Conservatória sob o número 29.861, e é na matriz o artigo 16; vai à praça no valor de 650\$00

36.º—Um casar sito ao Cabeceiro, que parte do nascente com José Marques, poente com António Silveira, norte António Lopes e sul com Joaquim António. Está inscrita na Conservatória sob o n.º 29.140, e é na matriz o artigo 19.795; vai o dito direito à praça no valor de 407\$00

37.º—Uma casa de eira, sita à Cabeceira, que parte do nascente com António Lopes, poente com João Silveira, norte com Joaquim António e sul com José Simões. Está inscrita na Conservatória sob o número 29.862, e é na matriz o artigo 7; vai o referido direito à praça no valor de 30\$00

38.º—Um quintal sito às Soisas, que parte do nascente com Júlio Vaz, poente com Josefa Abreu, do norte com Amélia de Jesus e sul com Josefa Abreu. Está inscrita na Conservatória sob o n.º 29.863, e é na matriz o artigo 19.990; vai o dito direito à praça no valor de 17\$60

39.º—Um quintal sito à Alcazaria, que parte do nascente com a estrada, poente com António Lopes Cruz, norte com José Marques e sul com Manuel da Silva. Está inscrita na matriz sob o n.º 29.864, e é na matriz o artigo 20.828; vai o dito direito à praça no valor de 99\$00

Todos estes prédios são situados

Anuncio

COMARCA DE FIGUEIRO DOS VINHOS 1.ª publicação

Faz-se saber que por este Juízo e sua primeira secção correm éditos de trinta dias, citando os executados Clementino Simões, Raul Matias, Albano Caetano, Izaura Rosa Caetano e marido António Simões Rosinha e Encarnação Rosa Caetano e marido José Ferreira, todos residentes em parte incerta do estrangeiro, para no prazo de cinco dias, findo que seja o dos éditos, contados da última publicação deste, pagarem ao exequente Manuel Lopes Quintas, casado proprietário, da Lomba da Casa a importância de 4.121\$33, referente a capital e juros de que os mesmos lhe são devedores, sob pena de proseguir a execução hipotecária que lhes move e a outros, sobre os bens hipotecados.

Figueiró dos Vinhos, vinte e tres de Fevereiro de 1040.

O Chefe da 1.ª Secção *Jaime Ribeiro Sucena*

Verifiquei a exactidão O Juiz de direito *Themudo Machado*

Jornal «A Regeneração»—N.º 501 2 de Março do 1940

Anuncio

COMARCA DE FIGUEIRO DOS VINHOS 1.ª publicação

Pelo Juizo de Direito da comarca de Figueiró dos Vinhos e 1.ª Secção, correm éditos de trinta dias a contar da segunda publicação destes, citando o executado Ramiro da Costa David, divorciado, ausente em parte incerta, para no prazo de cinco dias findo que seja o daquela dilacção pagar na Tesouraria Judicial desta comarca a importância de 1.520\$60, proveniente de custas na acção de divorcio que lhe moveu sua ex-mulher Francisca de Jesus, ou dentro de igual prazo nomear bens á penhora.

Figueiró dos Vinhos desanove de Fevereiro de 1940.

O chefe da 1.ª secção *Jaime Ribeiro Sucena*

Verifiquei a exactidão O Juiz de direito *Themudo Machado*

Jornal «A Regeneração»—N.º 501 de 2 de Março de 1940

Aviso

Ficam pelo presente avisados todos os credôres da extinta firma industrial Simões Silva, & C.ª, com sede ao Barreiro, nesta vila de Figueiró dos Vinhos, de que fomos nomeados judicialmente seus liquidatários e assim, aos mesmos se devem dirigir para arrumação imediata das suas contas, sob pena do respectivo procedimento.

Figueiró dos Vinhos 29 de Fevereiro de 1940

O Liquidatários *a) José Pedro dos Santos* *a) José Vascencelos Azinhais*

na freguesia de Aguda, desta comarca de Figueiró dos Vinhos. Secretaria Judicial da comarca de Figueiró dos Vinhos, 14 de Fevereiro de 1940.

O chefe da 2.ª secção *Joaquim José da Conceição Junior*

Verifiquei a exactidão O Juiz de direito *Themudo Machado*

Jornal «A Regeneração»—n.º 501 de 2 de Março de 1940

Sobre a nova literatura portuguesa

por João Rubem

Em Portugal surge-nos presentemente uma literatura nova. Literatura que embora se não firme duma maneira clara, mostra já de quanto é capaz. Depende tudo, evidentemente, de tempo e de condições para se poder revelar.

A nossa literatura nova é inteiramente diferente das anteriores, não tendo quasi pontos de contacto com as precedentes. Porque as outras davam a vida através de imagens que não correspondiam de forma alguma à realidade, apresentando tudo ou pelo lado dum introspeccionismo doentio (Régio, Gaspar Simões) ou então através dum colorido pictórico em desacôrdo com as condições materiais da existência (Aquilino, Raúl Brandão). Porisso mesmo não apresentavam a vida nas suas múltiplas facetas, desprezando, por vezes pormenores importantes (como o ambiente em função do progresso e das condições económicas).

A literatura actual é uma literatura ligada ao momento que passa, fundamentada na vida, enfrentando a desagregação que se nota nos valores eternos, para dar lugar a uma literatura rica em motivos humanos (como succede no Brasil com Raquel de Queirós, Graciliano, Lins do Rêgo, Jorge Amado, Veríssimo, etc.). Nada mais lógico, portanto, que esta tendência da nossa literatura, começando com Políbio Gomes dos Santos, Manuel da Fonseca, Fernando Piteira Santos, Marmelo e Silva, Carlos Serra, Fernando Seabra, João Alberto, Rodrigo Soares, Carlos Relvas, Joaquim Namorado, António Ramos de Almeida, Alencar Castro Sampaio, César Anjo Fº, João Ramiro, Rodrigues Faria, Alvaro Cunhal, João Tendeiro, Armando Ventura Ferreira, Alves Redol, Manuel Campos Lima, etc., etc.

Todos estes indivíduos são ainda jovens. Vão-se enraizando na encruzilhada dos caminhos que conduzirão a um período novo entre nós—período de reforma literária, artística, científica, social, etc. Poucos deles escreveram um livro sequer (a não ser Marmelo e Silva com «Sedução»; António Ramos de Almeida com «Sinfonia de Guerra» e Alves Redol com esse extraordinário livro que é «Gaibeu»). Quasi todos têm-se limitado a escrever artigos de jornal de combate a vícios do pensamento e a certas manifestações políticas e sociais. Pode afirmar-se, sem contestação, que nunca houve um período de tanta actividade intelectual como o nosso e tão profundo em combate como este. Não há problema que fuja a esta geração, pois todos são observados e encarados nos seus aspectos variados.

Desta corrente da novíssima geração sairão, creio, outros caminhos—caminhos novos para o nosso país, levando-o a um grau superior de cultura, pondo-o ao facto do que se produz lá por fora em matéria de conhecimento literário, artístico e científico, etc.

Os artigos desses jovens andam espalhados pelas publicações, que mais dizem das nossas possibilidades, como «Sol Nascente», «Pensamento», «Síntese», «O Diabo», «Altitude»—publicações cheias de interesse e de juventude. Só consultando as publicações citadas se pode fazer uma ideia de quanto vale uma geração que está despotando e á qual não faltam valores nem falta interesse—pois ela representa o interesse personificado.

E esta geração, creio, irá trazer muitos benefícios à cultura portuguesa! Porque só demolindo certos dogmas, se consegue criar uma verdadeira cultura—uma cultura fundamentada na vida e, portanto, uma cultura humana!

Sol da vida

Naquele dia triste a chuva caiu tempestuosamente. O poeta espiritualista veio até à janela do seu escritório contemplar e, encantado, exclamou:

«Que belo! Chuva de prata!...»

Recolheu-se, aconchegou-se nas almofadas de veludo e pôs-se a escrever um poema:

«A chuva vem caindo
em bagos, de prata...»

O poeta espiritualista não viu aquele pobre passar na rua, de roupas rôtas e pés inchados, nem a carvoeira carregando cestos, nem o carneiro montado na sua bicicleta...

O poeta espiritualista viu somente a chuva de prata. Fugiu à vida, recolheu-se no seu «espírito puro», porque lhe é bastante cómodo.

«A chuva vem caindo...»

O miúdo entrou no café. Teria talvez 4 anos. A fumarada dominava o ar com sofreguidão.

Homens aqui e ali conversavam com entusiasmo. Alguns tinham descalçado as lavas e pousado os cacheecóis. Uns discutiam sobre a literatura e outros sobre negócios. Os literatos não gostavam das obras de X, porque eram panfletos.

O miúdo com uma cara triste, envelhecida, deslizou á sucapa, com medo do criado e, aproveitando a sua ausência, entrou.

Da sua boca murcha saíram alguns sons. Os literatos que não gostavam das obras panfletos e só amam a arte pura, acenaram com a cabeça:

Não!

O homem veio viudo, tocando no seu tambor. O povo aproximou-se. Os animais começaram a dansar. E o povo riu-se. Depois uma menina linda subiu para a palma da mão do homem e cabriolou.

Todos na rua admiraram a gymnástica da menina:

— Ai, que gracinha! Tão pequenina e já...

No lagado da rua havia só uma sarapilheira esburacada. E a menina fez deslumbrar toda a gente.

O homem estendeu o prato, mas o povo mal viu o prato, desertou. Então o homem rufou mais no seu tambor e seguiu a sua rota, com mais serenidade.

A menina teve um sorriso confiante...

A menina fez 18 anos. Para festejar o aniversário, os pais fizeram o seu ingresso na sociedade, organizando um baile que decorreu animado e durou toda a noite.

A menina apresentou-se bela. Bela á custa dos frizadas e do vestido rico, porque ela, coitadinha, não dispunha de atractivos.

F I M

*Tristeza imensa do ser e do não ser
que vens negar-me a existência do divino,
tornando a rósea côr da vida
em dias sem finalidade.*

*Noites eternas de fantasmas negros
povoando palácios em danças macabras
e gargalhando, sinistramente,
das maneiras burguesas dos convivas.*

*Sorrisos e prantos do menino
que fui na vida e já não volto a ser.
Oh! meu anseio inútil de igualdade,
minha estrêla do norte já perdida!*

*Deixai-me rastejar pelos caminhos
até chegar ao abismo dos abismos,
ou então tornai-me vencedor
para não andar chorando eternamente...
eternamente...!*

FERNANDO AUGUSTO

G É N E S E

por João Tendeiro

Por caminhos abertos na montanha,
os homens vêm em grupos
ver quando o seu mundo principia.
Sentam-se à sombra das árvores,
mas as árvores secam
e as sombras desaparecem.
Querem beber a água do rio fresco:
as margens são abruptas e o rio inacessível.
As mulheres fogem ao vé-los,
e o sexo pende como um trapo despresado.
Só o frio da noite lhes acaricia as faces suadas e medrossas;
têm por amigos somente os cães e os cadáveres,
e sol que os aquece.

Eos homens, vendo fugir a sombra das árvores,
repelidos pelas mulheres,
sentido os pés gretados e feridos nas pedras do caminho,
cheios de sede porque o rio só refresca os que estão deitados na planície,
continuam em busca do seu mundo.

A vida condensa-se-lhes toda no desejo frenético da realização...

Mas o mundo continua inacessível.

Fumou-se á larga. Bebeu-se champanhe. As senhoras também fumaram, porque isso representa distinção.

A menina namoriscou, foi envolvida na volúpia de homens galanteadores, que a não largaram e se disseram apaixonados.

E a menina quando se deitou, foi sonhar com muitas coisas e até se julgou uma rainha de beleza.

De manhã cedo a fábrica do lado, apitou, como de costume, para a entrada dos operários.

A menina, irritada, berrou:

«Que chatos... nem me deixam dormir!»

Afinal há guerra ou não há guerra?

Os comunicados dizem:

«Não se registaram quais operações.

Nada de novo a assinalar.»

Não sei então porque se mobiliza gente, os preços sobem o ali o meu vizinho está desempregado! Continuará só a guerra económica?

Alvaro Ramos

Dos livros — No próximo número referir-nos-emos aos seguintes livros: *Sinfonia da Guerra*, de António Ramos de Almeida; *DOM Alentejo*, de Mário Moraes e *Horas Negras*, de Mesquita Júnior.